

ANUARI DE FILOLOGIA. ANTIQVA ET MEDIAEVALIA (Anu.Filol.Antiq.Mediaevalia)
8/2018, pp. 764-781.ISSN: 2014-1386

OLHARES SETECENTISTAS SOBRE A ESCRITA DO SUDOESTE: FREI MANUEL DO CENÁCULO E O SEU ENTORNO

AMÍLCAR GUERRA

UNIARQ e Centro de História, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa
aguerra@campus.ul.pt.

RESUMO:

Fr. Manuel do Cenáculo é justamente apontado como um dos precursores da investigação em torno das escritas é-romanas da Hispânia. À medida que a abundante documentação arquivística relativa a esse prelado se vem conhecendo, torna-se mais clara a complexa rede de colaboradores que intervêm em diferentes vertentes da sua acção no domínio cultural. Este contributo visa precisamente chamar a atenção para alguns documentos trazidos ao conhecimento público em que algumas figuras do seu círculo aprofundam aspectos relativos às antigas escritas aparecidas nos “campos de Ourique”. Sublinha-se em particular o contributo de Frei José de S. Lourenço do Vale, cuja Oração do Museu e suas interpretações a respeito do significado dessas inscrições suscitam algumas reflexões.

PALAVRAS CHAVE: Museu Cenáculo; epigrafia pré-romana; escrita fenícia, história da Arqueologia.

SIXTEENTH CENTURY FOOTPRINTS ON THE SOUTH WESTERN'S WRITING: FREI MANUEL DO CENÁCULO AND HIS CIRCLE

ABSTRACT:

Fr. Manuel do Cenáculo is rightly considered one of the forerunners of the research on the Iberian pre-Roman inscriptions. As the copious archival documentation related to this prelate comes to public knowledge, the complex network of collaborators engaged in different aspects of his cultural project becomes clearer. This contribution aims to draw attention to some documents in which some persons in his entourage deepen aspects related to the ancient writings uncovered in the "fields of Ourique". Particular emphasis is laid upon the contribution of Fr. José de S. Lourenço do Vale, whose "Oração do Museu" and the interpretations on the meaning of these inscriptions give rise to some considerations.

KEYWORDS: Cenáculo Museum; pre-Roman epigraphy; Phoenician writing; History of the Archaeology.

1.

O nome de Frei Manuel do Cenáculo encontra-se associado às primeiras descobertas de monumentos com escritas antigas do Sudoeste peninsular. Esta particularidade é bem conhecida e tem sido sublinhada insistentemente nos trabalhos que de alguma forma se reportam à sua acção no âmbito arqueológico ou à sua posição no quadro dos estudos sobre a temática da epigrafia pré-romana (Viana 1952; Tovar 1961: 7; Gómez-Moreno 1962: 34; Maluquer 1968: 96; Coelho

1976: 201; Beirão 1986: 33; Correia 1996: 7; Untermann 1997: 114; Patrocínio 2007-2008: *passim*; Fabião 2011: 72-74; Silva 2015: 25; Encarnação 2015: 28). O seu contributo neste domínio é normalmente assinalado de forma genérica, consistindo habitualmente em algumas referências mais gerais ao seu interesse pelos vestígios do passado e deste tipo de inscrições particular, sublinhando-se brevemente o seu contributo pioneiro tanto na sua recolha como na sua valorização. No entanto, em alguns casos abordam-se questões particulares com algum desenvolvimento e baseada em documentação variada, com frequência manuscrita¹ Talvez o aspecto mais relevante apontado por essas referências sejam os álbuns, nos quais se desenharam com bastante qualidade e precisão os monumentos por eles descobertos e que a partir de determinado momento integraram o seu famoso “Museu Sisenando Cenaculano Pacence”.

As informações de que dispomos na obra publicada pelo erudito bispo pacense não são muito esclarecedoras, mas revelam, de qualquer modo, a natureza dos trabalhos e seu enquadramento no âmbito da sua ampla missão pastoral. Por isso mesmo, algumas das referências se incluem numa obra dedicada à formação do clero, entendendo-se que a preparação cultural dos ministros da Igreja era condição fundamental para o cumprimento da sua missão. Como esclarece a abrir a sua obra, ele considerou “sempre as causas da Religião e dos costumes com tanta dependência das letras depois da Graça Divina, que já mais nos tem parecido sobejas as diligências para promover o seu estudo” (Cenáculo 1791: 1).

Por isso, vem a propósito, no capítulo dedicado à importância da História Eclesiástica na formação do seu clero, exprimir o desejo de que “o Theologo exacto possua um discernimento ilustrado para ver bem o character fantástico, o provável, o verdadeiro, e legitimo das Historias” (Cenáculo 1791: 362). Abre, deste modo, a série de temas históricos com algumas reflexões a propósito da aparição de Cristo a D. Afonso Henriques e da batalha de Ourique, do seu cenário, comentando a presença árabe na região e as fortificações que nela existiam. Neste contexto se insere uma exposição da fisionomia do Castro da Cola, referindo depois, sumariamente, as circunstâncias de alguns achados de natureza epigráfica: “Nestes sitios havemos achado lapides sepulcrais de caracteres Fenícios ou Turdetanos, e com ellas estoques longos sem gume, e feitos de aço e cobre bem calcinado com punho pouco engrossado, e virote chato, pequeno, e que fôrma huma espécie de orelhas que não póde não ser da mais remota antiguidade. Quando o tempo permitta deste ocio se farão curiosas explorações neste sitio” (Cenáculo 1791: 385). É provável, como sugere Carlos Fabião (2011: 75-76), que estas inscrições tenham que ver com a necrópole

¹ Neste caso se encontram o trabalho de Patrocínio (2007-2008), que desenvolve tópicos que interessam particularmente às questões relativas à epigrafia pré-romana. José d’Encarnação (2015) dá o devido relevo à participação de Frei José de S. Lourenço do Vale na documentação e estudo de epigrafia latina.

assinalada numa sugestiva planta, identificada como as “sepulturas dos generaes”.

O erudito prelado português partilha plenamente este espírito de preservação generalizada de todos os vestígios materiais do passado e assume igualmente que o seu conhecimento se encontra com muita frequência dependente da realização de escavações, a única forma de os enquadrar devidamente (Fabião 1989: 20-23).

Referindo-se à realização destes trabalhos, Frei Manuel do Cenáculo prefere utilização uma expressão impessoal, circunstância que se adequa bem ao facto de ele ser apenas a face visível de um conjunto de personalidades que se dedicam aos diferentes aspectos que a multifacetada figura desse prelado demonstra. Deste modo, quando se refere o seu nome remete-se para situações em que podem ter desempenhado um papel relevante outras figuras que agem na sua órbita e podem, muitas vezes permanecer no anonimato.

À medida que a investigação progride, algumas dessas personalidades vão surgindo de forma mais evidente e, deste modo, é hoje possível delinear um panorama mais completo desse círculo de pessoas que dão nome a certas facetas específicas da sua tão diversificada acção. O objectivo principal deste contributo reside em sublinhar a intervenção de alguns dos seus colaboradores em matérias arqueológica e mais especificamente no âmbito da epigrafia pré-romana do Sudoeste peninsular. Abordam-se especificamente duas vertentes distintas, uma respeitante aos álbuns de desenhos e à sua autoria, a outra correspondente a um conjunto de escritos sobre a natureza dos monumentos com escrita pré-romana devidos especial a Frei José de S. Lourenço do Vale.

2. OS ÁLBUNS DE INSCRIÇÕES.

O prelado Pacense compreende bem que a missão do homem culto e dedicado às antiguidades é também a de documentar de forma rigorosa os diferentes testemunhos. Também neste domínio o exemplo de Frei Manuel do Cenáculo se tornou modelar, em especial graças aos desenhos que se guardam em dois códices conservados na Biblioteca Pública de Évora: BPE, CXXIX/1-13 *Inscrições do Museu Sisenando Cenaculano Pacense*; BPE, CXXIX/1-14 *Lapides do Museu Sisenando Pacence*², que contém, entre os seus variados materiais, um conjunto de epígrafes com escrita pré-romana, denotando com frequência uma

² Na apresentação destes dois documentos, Hübner (CIL II: 8) considera que o primeiro respeita aos objectos da colecção de Frei Manuel do Cenáculo e o segundo à dos seus amigos: *tituli Pacenses in utraque eius collectione Eborae in bibliotheca servata tam propria (1, 13) quam amicorum (1, 14)*. No entanto, pelo que sabemos dos seus trabalhos, pela quantidade dos monumentos e por alguns comentários do próprio Hübner, esta atribuição terá de ser invertida. De facto, uma das duas inscrições “ibéricas” recolhidas unicamente em CXXIX, 1-13, correspondente MLI LXX, indica-se como *acceptam ab amico nescio quo*; outra (MLI LXVII) é dada como “do Beneficiário Chaves, de Ourique”.

excelente qualidade, constituindo a maioria deles a única forma de preservação desses vestígios³.

Em relação à autoria destes desenhos transmite-se geralmente a informação de que eles foram executados por ordem do bispo pacense (“mandou desenhar com fidelidade” Simões, 1868: 78; *Cenaculi iussu* Hübner, 1893: 192). No entanto, Hübner, na primeira das publicações em que se refere ao assunto (CIL II, p. 8)⁴, afirma categoricamente, a respeito das inscrições latinas, que elas foram desenhadas por Félix Caetano da Silva⁵, esclarecimento que pode estender-se, naturalmente, às inscrições pré-romanas. Num outro lugar (Hübner 1871: 38), porém, o epigrafista alemão não se revela tão peremptório em relação a esta autoria e adiciona um “ao que parece”, formulação que passou aos autores posteriores (Coelho 1976: 201; Morais, 2011: 12). É verdade, como se sublinhou recentemente (Barros 2014: 49), que no próprio documento não há qualquer indicação relativa à identidade seu autor material, chegando-se mesmo a admitir que poderia ter sido o próprio Frei Manuel do Cenáculo (Barros 2014: 49). Apesar de a hipótese se poder apoiar no nome que ostenta, não parece verosímil que tenha sido o prelado o autor dos referidos desenhos.

Um breve perfil biográfico de Félix Caetano da Silva foi traçado por José Leite de Vasconcelos (1917), mas outros elementos se podem recolher na documentação manuscrita coetânea, como na correspondência de Frei Manuel do Cenáculo ou no relato da viagem de Francisco Pérez Bayer pelo Sul de Espanha e Portugal⁶.

Esta personagem erudita, nascida a 30 de novembro de 1740, exercia a função de tabelião local. O seu interesse pelas antiguidades de Beja revela-se em idade bastante precoce, tendo iniciado cedo uma *História das antiguidades de Beja*, de que existem vários manuscritos⁷ (Vasconcelos 1917). Uma primeira redacção dataria de um período anterior à ascensão de Frei Manuel do Cenáculo ao bispado da cidade (1770), mas, como ele próprio esclarece, mais tarde “se deu nova forma a esta Historia para melhor ordem” (*apud* Vasconcelos 1917: 180), o que veio a dar origem a uma outra versão dessa obra⁸.

Francisco Pérez Bayer refere-se a ele de forma muito elogiosa, contando de forma bastante circunstanciada como foi por ele acompanhado na visita às

³ Uma recente análise do seu conteúdo, com *fac-simile* de todos os desenhos pode encontrar-se em Barros, 2014, Anexo III.

⁴ Sem indicar a sua fonte, diz: */.../ depicti sunt tituli a Felice Caietano da Silva quodam* (“/.../ as inscrições foram desenhadas por um tal Félix Caetano da Silva /.../”) Sobre a questão v. igualmente Encarnação, 2015: 30).

⁵ Esta autoria é aceite em AA.VV., 2005: 118; Abascal; Cebrián, 2009: 22.

⁶ Sobre essa viagem v., mais recentemente, Salas, 2007.

⁷ De um desses manuscritos se publicou uma transcrição (Silva, 1948-1949) da autoria de Abel Viana.

⁸ Sobre as relações entre Frei Manuel do Cenáculo e Félix Caetano da Silva e seu impacto na obra deste v. Páscoa, 2004-2005.

antiguidades de Beja, ao mesmo tempo que dá conta dos textos que observa em companhia desse guia⁹. Entre os aspectos que marcavam a sua obra refere-se a posição que sustenta a respeito da identificação da antiga *Pax Iulia / Pax Augusta*, como sublinha o antiquário valenciano. De facto, contra uma corrente que sustenta a sua equivalência com Badajoz¹⁰, defendia a correspondência com Beja, apoiando-se num conjunto amplo de vestígios monumentais e epigráficos.

Essa mesma obra manuscrita foi consultada por Cornide, em 1798, da qual este erudito espanhol elaborou um resumo¹¹ e de ela diz ser uma “obra que con el título de Antigüedades de esta ciudad y mucha copia de erudición tiene prevenida para la prensa, cuya lectura no ha tenido dificultad de franquearmente generosamente” (transcrito em Abascal e Cebrián 2009: 400).

Félix Caetano da Silva desenvolveu, mesmo antes da chegada de Frei Manuel do Cenáculo ao bispado, uma actividade de recolha dos vestígios da antiguidade bejense, entre os quais sobressai uma colecção numismática que a determinado momento ofereceu ao prelado, seu protector. Esta colecção suscitou o interesse de Vergílio Correia (1912: 113), o qual afirma tratar-se de conjunto de moedas “ibéricas, da república e imperatórias”¹², e de Leite de Vasconcelos (1920), sendo ela que suscita as notas biográficas que constituem este seu artigo¹³.

No que diz respeito ao Álbum CXXIX, 1-14, elaborado graças ao empenho do bispo de Beja e cuja autoria se atribui ao tabelião pacense, dispomos hoje de documentação relativa aos seguintes monumentos:

J.27.1. (MLI LXIX, CB 1), correspondente ao desenho n. 47 - estela de S. Miguel do Pinheiro, Mértola¹⁴, do Monte dos Goes, como diz Cenáculo. As modernas formas do nome que ocorrem na bibliografia da especialidade (Goias e, sobretudo, Goiás) tornam o topónimo incompreensível e geram alguma confusão.

J.11.4. (MLI LXII; CB 2) n. 91 - estela do Monte de Vale de Ourique, Almodôvar. Cenáculo refere como seu lugar de proveniência a Herdade da Gontinha (v. *infra*).

⁹ Descreve-o como “/.../ un cavallero del pais llamado Don Felix Cayetano da Sylva, sugeto a quien después experimenté muy habil e practico de las antigüedades y otras memorias de Beja, de las quales me enseñó el día seguinte la Historia que havia escrito com gran critica y conocimiento de la Chorografia da la antigua Lusitania /.../” (fl. 228 v., também em Vasconcelos, 1919-1920: 115). Sobre este encontro entre as duas personagens v. também Patrocínio, 2006: 32.

¹⁰ Sobre esta questão v. Ramírez Sádaba, 2009.

¹¹ *Copia de lo que dice Felix Caetano de Sylva natural de Beja sobre as antigüedades de esta Ciudad*, RAH 9-3899-29 v. Abascal e Cebrián 2009: 96, 400.

¹² Sobre estas deixou o próprio Félix Caetano da Silva uma Lembrança de varias medalhas romanas que nestes tempos se têm descoberto em Beja e seus subúrbios, para das mesmas se fazer menção em sua História, as quais existem em poder do Excelentíssimo e Reverendíssimo Bispo de Beja D. Frei Manuel do Cenáculo, a quem as tenho dado (Correia 1912: 113-114).

¹³ Sobre a colecção numismática de Cenáculo v. Patrocínio 2006: 22-23.

¹⁴ Sobre alguns problemas relativos a esta localização v. *infra*.

J.17.4 (MLI LXIII, CB 3) n. 92 - estela designada como Ourique I (na terminologia de Caetano Beirão) - tanto esta como a maioria das restantes, proveniente de lugar desconhecido deste concelho;

J.17.1 (MLI LXV, CB 4) n. 93 - Ourique II - a única de toda a colecção Cenáculo que não se perdeu;

J.17.3. (MLI LXVI, CB 5) n. 95 - Ourique III

J.17.2 (MLI LXIV, CB 6) n. 96 - Ourique IV

No conjunto se inclui, com o número 94, um monumento com inscrição enquadrada em cartela, recolhido nos MLI com o n. LXVIII, também ele da freguesia de Ourique, como a maioria dos outros. Poderia tratar-se de mais um vestígio epigráfico com escrita do Sudoeste, mas é possível que o seu mau estado de conservação tenha dado origem a uma transcrição pouco compatível com esta realidade, o que levou todos os compiladores modernos da escrita pré-romana desta região a excluí-lo do repositório.

Alguns monumentos mais problemáticos e fragmentários figuram no Álbum identificado como BPE CXXIX, 1-13. Neste documento se registam: J(18) (MLI LXVII, CB7) - estela Ourique V;

J(17) (MLI LXX, CB8) - de Guedelhas, Almodôvar.

Destas são apenas delineados os caracteres, os quais, no entanto, se consideram bastante problemáticos, o que levou Untermann (1997: 106) a colocá-las fora do núcleo da escrita tartéssica.

Algumas destas inscrições são referidas na obra *Sisenando mártir e Beja sua pátria*, onde a numeração é distinta, porque respeita apenas a algumas realidades referidas nessa obra. No tratamento do tema das inscrições com caracteres que define por vezes como “Celtico-Fenícios”, alude, em primeiro lugar, à estela correspondente à Fig. n. 4. Fornece a seu respeito algumas indicações mais precisas sobre a sua descoberta: “Foi achada na Herdade chamada Gontinha distante da vila de Almodovar para a parte do Sul pelo Reitor da Igreja de S. Theotonio Joze Guerreiro Ayres de Contreiras.” Por informação recolhida no ms. 2920 da Biblioteca Pública de Évora, documento enviado por José Guerreiro Aires Contreiras¹⁵ a Frei Manuel do Cenáculo, a 7 de Agosto de 1787 (Beirão 1986: 127) trata-se da estela que habitualmente se denominada de Vale de Ourique, Almodôvar (J.11.4).

Regista-se, deste modo, uma outra personagem com um papel relevante neste domínio particular, especialmente naquilo que chamaríamos actual “trabalho de campo”, a qual, apesar de pouco conhecida, contribui para a identificação deste e de outros monumentos: “/---/ pela sua diligencia ha descuberto no Campo de Ourique outras Lapidis desta natureza, e de interpretação mui dificultosa.”

¹⁵ Em alguns autores refere esta personagem com o nome de Joaquim Contreiras (Vilhena 2013: 73, que remete para uma informação colhida em Veiga 1891).

Também são interessantes as indicações que Cenáculo fornece a respeito da estela do “Monte dos Goes”: “Por outras pessoas tenho adquirido outras, e huma dellas não posso deixar de fazer memoria por se achar inteira com a Insignia de Lança, ou ferro della para cravar na hasta de madeira: he aberta em pedra Siulla, e por aperfeiçoar, o que mostra ser esculpida em tempos antiquíssimos antes do uso de serem polidas as Lapidaz: foi achado no Monte dos Goes na Freguesia de S. Miguel do Pinheiro no Termo de Mertola, e vai descrita na Fig. N. 5.” Constata-se que a particularidade desta estela – o facto de possuir uma lança gravada – constitui um elemento não assinalado nos desenhos do Álbum, mas registada nos que deixou Frei José de S. Lourenço do Vale (v. *infra*), mais esquemáticos.

Para além disso, o passo referido suscita uma outra questão, uma vez que se verifica uma incongruência entre estes autores a respeito da proveniência da estela com a lança gravada. Para o frade alcobacense ela teria aparecido “no mesmo monte” que a sua “Lapide II”, devendo corresponder, pela confrontação dos desenhos, ao n. 93 do Álbum, onde é dada como da freguesia de Ourique. De facto, neste monumento, o único da colecção Cenáculo que subsistiu, nota-se um rebaixamento que poderia ter sido interpretado como a gravação de uma lança. Para além disso, o facto de Cenáculo assinalar que se trata de um monumento “inteiro”, exclui a possibilidade de corresponder ao n.º 47 do Álbum, esse sim tradicionalmente dado como proveniente de S. Miguel do Pinheiro, de acordo com o índice apenso aos desenhos desse documento. A sua forma alongada é semelhante, o que pode ter gerado alguma confusão, mas a diferença reside precisamente no facto de um se encontrar claramente fragmentado, ao contrário do outro.

No seu conjunto, a documentação compilada sob os auspícios de Frei Manuel do Cenáculo constitui um contributo extraordinário de tal modo que, quando Emílio Hübnér procede à recolha de todo o material pertinente às línguas pré-romanas da Península Ibérica, um século depois, uma larga maioria dos monumentos epigráficos que inventaria correspondem aos que figuram no elenco acima elaborado. Dos quinze vestígios epigráficos, catorze das quais em suporte pétreo, nove resultam da actividade desenvolvida por Frei Manuel do Cenáculo e seus colaboradores, enquanto que Estácio da Veiga aparece como responsável boa parte da documentação das restantes cinco estelas que figuram nos *Monumenta Linguae Ibericae*. Deste modo, o núcleo reunido neste repositório deve-se essencialmente à acção desenvolvida por essas duas personalidades, cada um deles com um âmbito de actuação bem determinado: o primeiro numa circumscripção área, correspondente a um sector meridional do distrito de Beja; o segundo no Algarve oriental, nos concelhos de Lagos e Silves. Começa a delinear-se um panorama de distribuição da escrita pré-romana no sudoeste da Península Ibérica, o qual, nesta fase, depende ainda fortemente da “geografia da investigação” destas duas figuras pioneiras da Arqueologia portuguesa.

3. FREI JOSÉ DE S. LOURENÇO DO VALE

A investigação desenvolvida nos últimos anos tem posto em evidência o papel desta figura no quadro dos colaboradores de Frei Manuel do Cenáculo Villas Boas, podendo mesmo afirmar-se que ninguém parece assumir um papel tão relevante no domínio específico da epigrafia como este personagem que em determinado momento é capelão deste prelado. José d'Encarnação (2015) recolheu recentemente um conjunto de informações biográficas e mostrou, com exemplos, o alcance dos seus contributos no domínio da epigrafia latina, mas também as suas limitações. Torna-se evidente que nem sempre as suas leituras e interpretações se revelam fidedignas. Cerca de um século mais tarde a erudição de Hübner identifica discrepâncias entre o texto nelas gravado e as informações transmitidas por esse monge alcobacense e o erudito germânico vai mais longe, lamentando a incorrecta interpretação que faz da maioria das epígrafes (CIL II, p. 8). Na análise desta circunstância, de qualquer modo, deve ter-se em conta a época e o estágio em que se encontram os estudos epigráficos. Para além disso, a especialização que o epigrafista berlinense vai conseguir, fruto de um contacto com os maiores especialistas na “ciência das inscrições”, nada tem que ver com a missão de alguém que, entre as suas atribuições, se conta um dos mais inovadores projectos do seu bispo.

De facto, a respeito dessa missão que atribui Cenáculo, este, numa das suas missivas ao Padre Rodrigo de Sá, identifica-o como “o Abbade Valle, Prefeito deste Museo” (*apud* Patrocínio, 2007-2008: 107). Nessa qualidade desenvolve uma meritória acção, parte dela relacionada com o tema deste contributo, a qual envolve essencialmente dois tópicos: por um lado, a muito comentada *Oração do Museu* e, por outro, um conjunto de documentação avulsa, menos conhecida, mas talvez mais interessante para compreender o seu labor e as suas ideias sobre o tema. Exporemos em primeiro lugar o pertinente a este último assunto.

3.1.

Entre a documentação arquivada na Biblioteca Pública de Évora figura uma série de manuscritos atribuídos a Frei José de S. Lourenço do Vale, dois dos quais são explicitamente dedicados a temas da escrita pré-romana e da sua interpretação. O primeiro deles, datado de 1794, corresponde a BPE CXXVIII/2-13 (c) e ostenta o título de “Lapides Phoenicii”¹⁶. Nele se recolhe um conjunto de oito inscrições incluídas nos álbuns referidos, de que apresenta uma fantasiosa tradução, juntando igualmente desenhos, menos conhecidos, de qualidade e cariz bastante distinto dos que se atribuem a Félix Caetano da Silva. Mais do que reproduzir fielmente os monumentos, o seu autor pretende, acima de tudo, representar esquematicamente os caracteres e a sua disposição relativa, o que serve de base à sua leitura, interpretação e tradução das inscrições.

¹⁶ Uma apresentação de algum do seu conteúdo, com análise de alguns aspectos histórico-culturais, pode encontrar-se em Patrocínio 2007-2008: 106-112, 117-118.

A natureza das considerações expostas neste manuscrito fica bem clara nesta síntese, que serve de introito, feita pelo monge alcobacense: “Historia do tempo dos Fenícios de certas pedras achadas em hum monte do Campo de Ourique com inscripçoens de puras letras Fenicias, ou Punicas escritas por Grammatica Arabica, e compostas pela menor parte de palavras Arabes, e outras Hebraicas e Chaldaicas (fl. 3, transcrito em Patrocínio 2007-2008: 112)”.

As hesitações a respeito da classificação destas manifestações são evidentes neste excerto e reproduzem-se em muitas outras situações, tanto a respeito da escrita como da língua. É certo que os caracteres destas inscrições são definidos mais habitualmente como fenícios, mas como se analisa cada signo de forma isolada, elas podem definir-se também como uma conjugação com púnicos, célticos, gregos, samaritanos ou turdetanos. Por isso se declara com alguma frequência que uma mesma epígrafe contém elementos de diferentes sistemas de escrita, como a determinado momento na *Oração do Museu*: “Conhecimentos pomposos, especies brilhantes nada falta para nobrecer a antiguidade destas pedras quando outra do primeiro Grego inda mixto com alguns caracteres Phenicios dis que Beja foi cultivada e povoada pelos Assyrios” (fl.12 v.).

Do mesmo modo, a sua perspectiva sobre a língua destas epígrafes assenta numa concepção paralela, admitindo que em cada uma delas se podem misturar termos pertencentes às diferentes realidades linguísticas (emparentadas) do Oriente: árabes, hebraicos ou caldaicos.

A associação desta escrita de matriz fenícia a línguas do Oriente repõe bem às orientações do seu mentor, que tanto empenho revelou na difusão e estudo destas realidades, às quais adicionava, naturalmente, o grego. As muitas diligências concretas desenvolvidas pelo prelado pacense encontram-se circunstanciadamente descritas numa obra de um dos seus mais notáveis discípulos, Frei Vicente Salgado (1791: 42-87) que enumera um conjunto muito amplo de iniciativas e personalidades que promoveram a difusão dessas diferentes línguas, bem como os seus mais notáveis cultores da época¹⁷. Mais tarde, também José Silvestre Ribeiro (1871: 244-253) vem sublinhar o papel do “grande Cenáculo” no estudo das línguas antigas, em especial da língua hebraica, assumindo o convento de Jesus, da Ordem Terceira de S. Francisco, a que o prelado eborense pertencia, uma posição de destaque (Ribeiro 1871: 250).

Neste caso concreto, Frei José de S. Lourenço do Vale assume que, no essencial, a decifração se faz através do hebraico, a matriz, uma vez que já na *Oração Academica* se afirmava “que a língua mais antiga e a universal foi a Hebraica” (fl. 9), postulado que ele repete no seu discurso inaugural. Mas, sobretudo, porque “seus nomes, os das suas cidades se confirmavam reciprocamente com a língua Fenicia e Hebraica tendo os derivados com as raízes

¹⁷ Mais recentemente, uma análise destas epígrafes na perspectiva do interesse pelas línguas e culturas do Oriente por parte de Frei Manuel do Cenáculo pode encontrar-se em Patrocínio 2007-2008.

primitivas. Logo isto no fundo é a mesma língua com diversos dialectos sem perder sua unidade” (*Oração do Museo*, fl. 10).

O outro manuscrito, CXXVIII/2-13 (a), *Phoenicia Chaldaica interpretata a P. Josepho Laurentio do Valle*, é datado de 9 de Junho de 1795. Este documento inclui, entre os aspectos mais pertinentes para compreender o fundamento das suas interpretações, uma explicação para o método seguido para a “decifração” destes enigmáticos textos: “Cada palavra se acha pontoada e eu por tal descoberta cheguei ao distincto conhecimento desta certeza; o que se assim não fosse seriaõ tantas as intepretações quantas as uniões e divizões a que letras soltas estão expostas. A ordem do sentido em palavras que significaó munto, a energia da simples oraçaõ, naó só mostraõ a lingoa pura sem as superfluidades da corrupçaõ della; mas tambem nos ensinaó a dizer sem perda de tempo.” (transcrição de Patrocínio 2007-2008, p.113).

Este método baseia-se em mais alguns pressupostos que ele assume como seguros. Desde logo a separação que ele opera nas diferentes sequências, definindo se as abreviaturas correspondem a um, dois ou mais caracteres; por outro lado, que se verifica uma determinada correspondência entre os signos fenícios ou outros das epígrafes e os hebraicos; por fim, que essas “abreviaturas” correspondem a determinadas palavras, de uma determinada língua oriental. O resultado, que ele tinha já apresentado no manuscrito antes citado, é literalmente incrível.

Como Hübner assinalara de forma muito explícita, as diferenças entre a solidez do trabalho de Frei Manuel do Cenáculo e do deste seu discípulo são evidentes. O prelado prefere manter, em relação a estas ousadas propostas, uma certa prudência. Por um lado, sublinha o carácter enigmático desta escrita, considera estas inscrições “de interpretação mui dificultosa” e, que se sabia, nunca se aventurou nesse domínio tão incerto. Mas, por outro lado, não se põe à margem do que o seu colaborador especialmente dedicado a este assunto vai “descobrimdo”. Não deixa de ser sintomático que em algumas das suas alusões ao conteúdo destas inscrições,

3.2.

A sua responsabilidade de “Prefeito” do Museu Sisenando Cenaculano Pacense consubstanciou-se em várias realizações, uma delas o bem conhecido texto correspondente ao discurso de abertura dessa instituição, a *Oração do Museo, dita a 15 de Março de 1791, em Beja, com grande aplauzo*. O texto suscitou já a atenção de Leite de Vasconcelos (1898), que dele deu uma transcrição parcelar¹⁸ e a respeito do qual teceu alguns comentários, sublinhando especialmente o facto de,

¹⁸ Posteriormente, este interessante documento foi objecto de várias transcrições, totais ou parcelares, entre elas Teixeira, 1985: 203-206; Pereira, 1993; Brigola, 2009: 42; Roque, 2011: 61-82; Barros, 2014: 26-45 e também *on-line*, em http://triplov.com/hist_fil_ciencia/cenaculo/pax.html, por Alexandra do Nascimento.

apesar de se relacionar com o prelado pacense, a sua autoria caber a Fr. José de São Lourenço do Vale (Vasconcelos, 1898, 284-285)¹⁹.

Essa atribuição foi seguida por uma boa parte dos investigadores²⁰ que se debruçaram sobre o documento, considerando-se até há pouco como segura. Recentemente, todavia, a sua comparação com a *Oração Académica sobre a História Natural e Antiguidades*, pertencente ao mesmo fundo Manizola, pronunciada em 1753 na Universidade de Évora, veio suscitar o problema: este último discurso, é em boa parte reproduzido pelo prefeito do Museu quase quarenta anos depois e o texto original deveria atribuir-se a um professor do Colégio do Espírito Santo, em Évora (Barros, 2014: 24-26).

A *Oração do Museu* suscita uma outra questão, respeitante à real intervenção de Frei Manuel do Cenáculo nessa peça oratória. A observação do manuscrito referido tornava clara a existência de uma redacção inicial que veio a ser alterada a determinado momento. Estas correcções do texto primitivo, realizadas numa caligrafia similar, mas usando uma tinta mais escura, foram interpretadas como uma correcção do arcebispo de Évora sobre o original do prefeito do Museu²¹. Uma interpretação contrária foi, no entanto, postulada por Beatriz Barros (2014: 24-25), baseando-se não apenas na semelhança da caligrafia, mas também no facto de alguns dos elementos acrescentados serem, na realidade, retirados da referida *Oração Académica*.

Deste modo, esta última hipótese parece bastante consistente. Não se contesta, naturalmente, a marcada influência que o prelado poderia ter nos que o circundam, mas é provável que a sua intervenção não chegasse ao ponto de ler e corrigir os textos por ele preparados.

Subsiste, enfim, o problema da autoria do texto da *Oração Académica*, como chega ela, passadas algumas décadas, ao conhecimento de Frei Lourenço do Vale e por que razão um discurso pronunciado há tanto tempo é quase integralmente aproveitado numa situação tão distinta. Apesar de o uso de obra alheia ser encarado de outra forma no séc. XVIII, não é provável que esse acto de reprodução quase integral fosse, mesmo nessa altura, realizado sem qualquer problema de ordem ética. Para além disso, assumir que as ideias expressas em outras circunstâncias, se possam considerar válidas apenas com pontuais mudanças, levantava igualmente muitas questões. Deste modo, creio que não deve afastar-se a hipótese de a *Oração Académica* constituir uma peça oratória pertencente a alguém muito próximo de Frei Manuel do Cenáculo e, por essa razão, exprimir ideias e orientações que continuavam a ser partilhadas no seu círculo.

¹⁹ Do manuscrito, subsistente na Biblioteca de Évora (BPE – Cód. 75, nº 19, códices Manizola), encontra-se cópia facsimilada em Barros, 2014, anexo II.

²⁰ Teixeira, 1985, ; Pereira, 1993: 469; Brigola, 2003: 425

²¹ Pereira, 1993: 469; Brigola, 2009: 42; 2014: 6; Caetano, 2011: 60.

A favor desta possibilidade pode invocar-se, em primeiro lugar, um conjunto de referências a aspectos que quadram bem com um momento importante da sua vida e que ele tinha ainda muito presente, o qual influenciou de forma decisiva o seu pensamento e a sua acção. Trata-se de sua “Jornada a Roma”, feita com o objectivo específico de estar presente no Capítulo Geral da Ordem de S. Francisco, circunstância que foi aproveitada para um verdadeiro roteiro cultural centrado especialmente em Itália, mas prestando também atenção a cidades de Espanha e França e que se tinha realizado apenas três anos antes de a “oração” ter sido proferida. Esta longa viagem permitiu-lhe o contacto com pessoas e instituições, em especial bibliotecas e museus, entidades que seguramente se encontram na origem de idênticas realidades por ele promovidas e lhes serviram de modelo²².

Na *Oração Académica* exprime-se, a determinado momento, a admiração por algumas das iniciativas culturais pioneiras, sublinhando “aquela brilhante tocha que apenas se viu, logo iluminou, digo o Santo Padre Benedito XIV, que ajuntou aos seus vastos estudos a glória de edificar em Roma um magnífico Museu, e Livraria, aumentando-se pelos mais pontífices, e enriquecendo-se dos melhores Estudos antigos, e ricas peças compradas a todo o custo, onde todos os estudiosos se recreiam, lendo inscrições colocadas pelas suas idades e imbuídas nas paredes de uma espaçosa sala que, para dela se fazer ideia, basta dizer-se que é dentro do Vaticano, onde tudo é o maior, e melhor que há no mundo” (fl. 7). Estas referências, pela inclusão de alguns elementos muito precisos, ajustam-se bem a uma descrição feita por quem conhecia realmente os edifícios descritos. Como se sabe Frei Manuel do Cenáculo viu em Roma, em Abril de 1750, durante o papado de Bento XIV²³, que decorreu entre 17 de Agosto de 1740 e 3 de Maio de 1758.

No mesmo contexto, elogia-se, de seguida, a Universidade de Turim, em relação à qual “não temo ajuntar iguais louvores, cujo incenso colho do altar da verdade, /.../ onde não se pode decidir se aquela Universidade honra mais as inscrições Gregas antigas que estima dentro dos seus muros do que elas a acreditam?” (fl. 7). Sabemos que também esta instituição foi por ele visitada e admirada²⁴ e a descrição que aqui se transcreve poderia reflectir bem o deslumbramento de quem contactou directamente com esta realidade.

Qualquer que tenha sido a origem e autoria da *Oração Académica*, não deixa de ser interessante comparar os dois textos que reflectem situações completamente distintas no que respeita aos vestígios de escrita pré-romana: enquanto o texto de 1753 corresponderia a período substancialmente anterior à reposição da diocese de Beja, sede que Frei Manuel do Cenáculo vai ocupar em

²² Sobre essa viagem, na sua generalidade, v. especialmente Cabral 2011.

²³ A respeito da acção de Bento XIV no âmbito museológico, que conduziu à criação do Museo Cristiano, em 1757, v. Lega, 2010.

²⁴ Sobre a importância destas visitas v. Caetano, 2005: 50; 2011: 50; Morais, 2009: 216-217; 219-220.

1770, presumivelmente antes dos achados de inscrições pré-romanas na área de Ourique, o discurso de inauguração do Museu Sisenando, em 1791, tem precisamente nestes monumentos uma das suas principais riquezas.

Deste modo, poderia quase parecer profético que no primeiro se aluda às “pedras que fazem a honra dos dias presentes: dias augustos em que se descobriram as armas de bronze dos mesmos Fenícios!” (p. 9); e, pouco depois, classificam-se como “pedras fenícias” nas quais “se contém o que há de mais maravilhoso para formar a História do princípio da nossa Nação, e conhecer a origem pura dos nossos costumes actuais” (fl. 9). Estas considerações poderiam não ter um especial significado arqueológico, no entanto, mais adiante refere, a este respeito, “uma pedra, debaixo da qual havia um estoque de bronze, e nela se achava gravada uma seta, e diz com a inscrição que diz que o conselho militar daqueles montes pôs aquele sepulcro a um benemérito militar” (fl. 11). Este passo recorda a alusão de Frei Manuel do Cenáculo (1791: 385) à já mencionada descoberta de “lapides sepulcrais de caracteres Fenícios ou Turdetanos, e com ellas estoques longos sem gume” que ele próprio diz ter feito na área de Ourique.

O achado arqueológico associado aos vestígios epigráficos com escrita pré-romana, se como tal devemos interpretar a alusão às “pedras fenícias” com inscrição associadas a espetos de bronze, teria então ocorrido algumas décadas antes do ministério episcopal de Cenáculo, iniciado apenas em 1770. Tudo leva a crer que o monumento referido corresponde precisamente ao desenho que Frei José de S. Lourenço do Valle apresenta no manuscrito “Lapides Phoenicii”, onde recebe o número III, e à sua descrição: “No mesmo monte (situado no Campo de Ourique) se achou também uma pedra comprida com hum setta debuxada e hum letreiro ao comprido que diz: «Retirado o mar *Lade* soldado e valente esgrimador já decrépito com este título determinou a sua sepultura; por se achar quebrantado pelos trabalhos de irrupção do mar, e das guerras, dos Pincepes». Achou se também debaixo desta pedra hũa espada de puro cobre, que com outra, e as pedras estão em poder do *Excelentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo de Beja*” (ms. BPE CXXVIII/2-13 (c) fl. 3; transcrito em Patrocínio, 2007-08: 112; reprodução do ms. na p. 117).

Deve tratar-se do mesmo monumento modernamente identificado como J.17.1, bastante desgastado, agora talvez mais apagado que ao tempo, no qual não parece existir qualquer vestígio evidente da seta a que, como se viu, se referem várias descrições setecentistas, mas apenas uma depressão que poderia ser interpretada como tal.

Não deixa, no entanto, de ser algo surpreendente que se refira a existência desse achado já em momento tão precoce. Se tivermos em conta que habitualmente se aceita que o primeiro monumento identificado com esta escrita

é a estela de Alcalá del Río, que é visitada por Francisco Pérez Bayer em 1782²⁵ (Correia 1996: 7) aquando da sua viagem a Portugal (Salas 2007: 19-20), então estas referências são substancialmente anteriores, mas não passam de alusões, sem se produzir documentação ou análise sobre o seu conteúdo. Deve ter-se em conta que a inscrição andaluza era já conhecida, uma vez que tinha sido descoberta a 6 de Maio de 1763, e Bayer tinha já recebido mesmo uma cópia feita pelo Conde de Águila (Salas 2007: 19).

É significativo que na *Oração Académica* se atribui a descoberta destas “pedras, hebraicas e fenícias” /.../ “aos desvelos de um Resende, de um Osório, de um Estaço ou Severim”, mas é precisamente esta autoria que o Prefeito do Museu altera, colocando aí unicamente o nome do seu protector.

4.

Frei Manuel do Cenáculo representa um dos sectores mais ilustrados do iluminismo português, tendo sido um membro destacado da Academia Real das Ciências de Lisboa, mas é, ao mesmo tempo, uma figura relevante no quadro político do seu tempo, em especial pela sua estreita ligação ao rei D. José e ao poderoso Marquês de Pombal. No quadro eclesiástico, a sua proeminência no âmbito da Ordem Terceira e do Convento de Jesus, confere-lhe uma importante posição. Trata-se, portanto, de uma figura que chegou a gozar de uma capacidade de influência enorme, a qual se atenuou com as mudanças políticas, mas que em parte se manteve ao longo da sua vida.

Tendo-se tornado uma personalidade intelectual muito admirada e activa no seu tempo, soube criar as condições necessárias ao desenvolvimento dos seus projectos culturais, juntando à sua volta um número substancial de pessoas que concretizavam muitas das tarefas implícitas nos seus ambiciosos planos. Félix Caetano da Silva, o P.^o José Guerreiro Aires de Contreiras e Frei José de S. Lourenço do Vale são apenas três dos nomes que integram este universo e os que mais directamente se ligam com as “pedras fenícias” que constituem uma das vertentes relevantes da sua actividade arqueológica. Naturalmente, outras figuras se destacam nos seus estudos sobre a antiguidade, entre as quais se

²⁵ Pérez Bayer, para além do próprio monumento, descreve o curioso episódio da longa espera pelo pedreiro, da multidão que o envolvia enquanto copiava o texto e o assediava com perguntas: “Vino al fin el oficial y desencastró la piedra y pude copiarla cercado de todo el lugar que me mato a preguntar por [185 v.] que? para que? y que contiene? y esto chicos grandes seglares curas etc. etc. La inscripcion tiene esta figura y estos caracteres: (segue a figura) /.../ Aparte la pondré no mas exacta pero con mas extensión. La piedra no está labrada, es una guija de color cardeno obscuro: tendrá como tres quartas de alto y a proporcion de ancho: no es redonda sino que hace mesa a manera de almendra. Entre tanta turba de gentes como me cercaban y molían a preguntas puse quanto cuidado me fué posible en la copia. Vila después con luz artificial. No me quedó duda sino en una ú otra de las letras que tienen esta figura N si tienen un solo diente como la que bá pintada, o dos como esta I. Tambien hay otra que no [186] pude averiguar si es assi ! o asi L ; en lo demás no me queda duda; y espero que sobre esta copia podere seguramente hacer mis congeturas” (este excerto encontra-se parcialmente transcrito em Almagro 2003: 104-105).

destaca Frei Vicente Salgado ou o P.^e José Gaspar Simões, mas a análise do papel destas personagens ultrapassa a temática deste contributo.

Estas epígrafes servem bem um dos mais importantes propósitos científicos do bispo de Beja, uma vez se são vestígios locais que permitem valorizar o conhecimento das línguas e culturas do Oriente antigo, uma das vertentes mais significativas da sua acção.

Enfim, a progressiva divulgação da documentação manuscrita relacionada com todas estas personagens tem contribuído para esclarecer algumas dúvidas, mas também trazer novos problemas, como o suscitado pela *Oração Académica*, que altera de forma significativa a nossa perspectiva sobre o tão comentado texto da *Oração do Museu*. A atenção que nas últimas décadas se tem prestado à acção do prelado e de todos os do seu círculo permite pensar que as investigações futuras proporcionarão uma imagem muito mais completa desta fase tão dinâmica da cultura portuguesa. Suportado numa boa rede de contactos, apoiado por um grupo de pessoas que partilham a sua curiosidade intelectual e os seus projectos Frei Manuel do Cenáculo deu um dos mais substanciais contributos para a arqueologia portuguesa, o que corresponde ao registo e divulgação destas antigas inscrições.

REFERÊNCIAS

Obras manuscritas:

- Album de antiquidades lusitanas e luso-romanas, etc. de Fr. Manuel do Cenaculo Villas-Boas: Lapides do Museo Sesinando Cenaculano Pacence*, BPE, CXXIX/1-14
- Inscrições do Museu Sisenando Cenaculano Pacense*, BPE, CXXIX/1-13
- Oração Académica sobre a historia natural e antiquidades recitada na cidade de Évora na Universidade na 1.^a oitava do Espirito Santo em 1753*. BPE cod. 30/6º 3-9 (códices Manizola)
- PÉREZ BAYER, F. (1782): *Diario del Viaje que hizo desde Valencia a Andalucía y Portugal en 1782, 2.^a Parte*, BNE Mss. 5954 (disponível na Biblioteca Digital Hispânica).
- VALE, Fr. José de S. Lourenço do (1794) - *Lapides Phoenicii*, BPE CXXVIII/2-13 (c).
- VALE, Fr. José de S. Lourenço do (1795) - *Phoenicia Chaldaica interpretata a P. Josepho Laurentio do Valle*. BPE CXXVIII/2-13 (a).
- VALE, Frei José de São Lourenço do (1791) *Oração do Museo dita a 15 de Março de 1791*, BPE cod. 75/19 (códices Manizola)

Obras Impressas:

- ABASCAL PALAZÓN, J. M. e CEBRIÁN, R. (2009), *Los viajes de José Cornide por España y Portugal de 1754 a 1801*, Madrid, Real Academia de la Historia.
- ALMAGRO GORBEA, M. (2003), *Catálogo de Epigrafía Prerromana*, Madrid, Real Academia de la Historia.
- AA. VV. (2005), *Imagens e Mensagens: Escultura Romana do Museu de Évora*, Évora, Instituto Português de Museus.

- BARROS, B. G. N. de (2014), *Frei Manuel do Cenáculo e os primórdios da museologia em Portugal: a oração do Museu de 1791 e o álbum Lápide do Museu Sesinando Cenaculano Pacence*, Lisboa (dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, inédita).
- BEIRÃO, C. de M. (1986), *Une civilisation protohistorique du sud du Portugal (1.er Âge du Fer)*. Paris, Diff. de Boccard.
- BRIGOLA, J. C. (2006), "Frei Manuel do Cenáculo - Semeador de bibliotecas e de museus. O conceito de biblioteca-museu na museologia setecentista", In Vaz, F. A. L. & Calixto, J. A. (eds.), *Frei Manuel do Cenáculo construtor de bibliotecas*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 47-55.
- BRIGOLA, J. C. (2009), *Coleccionismo no séc. XVIII: Textos e documentos*, Porto, Porto Editora.
- BRIGOLA, J. C. (2014), *Frei Manuel do Cenáculo (1724-1814): o colecionador compósito* <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/14009/1/Artis%2C%20Jo%20C3%A3o%20Brigola%2C%20Frei%20Manuel%20do%20Cen%20C3%A1culo.pdf> consultado em 16/04/2018
- CABRAL, M. L. (2011), "Uma jornada de Lisboa a Roma: leitura e interpretação de um manuscrito setecentista", *Revista de história e teoria das ideias*, 28, 89-102.
- CAETANO, J. O. (2005), "Os restos da humanidade: Cenáculo e a arqueologia" In *Imagens e mensagens: Esculturas romanas do Museu de Évora*, Évora, Instituto Português de Museus, 49-56.
- CAETANO, J. O. (2011), "Os projectos do arquitecto Joaquim de Oliveira para as Bibliotecas-Museu de Frei Manuel do Cenáculo", *Revista de História da Arte*, 8, 48-69.
- CENÁCULO, M. do (1791), *Cuidados Literários do Prelado de Beja em graça do seu bispado*, Lisboa, Officina de Simão Thaddeu Ferreira.
- COELHO, L. (1976), "Epigrafia prelatina del SO. Peninsular português: Algunos problemas arqueológicos y epigráfico-lingüísticos", *Actas del I Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de Península Ibérica*, Salamanca, Universidad, 201-211.
- CORREIA, V. (1912) "Moedas romanas achadas em Beja no seculo XVIII", *O Arqueólogo Português*, 17, 113-121.
- CORREIA, V. H. (1996), *A epigrafia da Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica*, Porto, Ethnos.
- DELGADO, M. J. (1946-1949) "Sisenando mártir e Beja sua pátria (Cópia fiel do manuscrito assim intitulado, de D. Frei Manuel do Cenáculo Villas-Boas, existente na Biblioteca Pública de Évora, e considerações preliminares)", *Arquivo de Beja*, 3, 352-362; 4, 168-181; 352-363; 5, 211-224; 464-470; 6, 229-240, 426-463.
- DIAS, M. M. A., BEIRÃO, C. de M. e COELHO, L. (1970), "Duas necrópoles da Idade do Ferro no Baixo Alentejo: Ourique (Notícia preliminar)", *O Arqueólogo Português*, Série 3, 4, 175-219.
- DIAS, M. M. A. e COELHO, L. (1971), "Notável lápide proto-histórica da Herdade da Abóbada -Almodôvar (primeira notícia)", *O Arqueólogo Português*, Série 3, 5, 262-275.
- ENCARNAÇÃO, JOSÉ D' (2015), *As informações epigráficas de Frei Lourenço do Valle*, In Romão, M. (ed.), *Homenagem a Justino Mendes de Almeida*, Lisboa, ACDR Editores, 27-41
<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/30910/3/As%20informa%C3%A7%C3%A3o%20de%20Frei%20Louren%C3%A7o%20do%20Valle.pdf>

3%B5es%20epigr%C3%A1ficas%20de%20Frei%20Louren%C3%A7o%20do%20Vale.pdf consultado a 15 de Abril de 2018.

- FABIÃO, C. (1989), "Para a História da Arqueologia em Portugal", *Penélope*, 2, p. 9-26.
- FABIÃO, C. (2011), *Uma história da arqueologia portuguesa*, Lisboa, CTT.
- GÓMEZ-MORENO, M. (1962), *La escritura bástulo-turdetana (primitiva hispánica)*, Madrid.
- HÜBNER, E. (1869), *Corpus Inscriptionum Latinarum: Inscriptiones Hispaniae Latinae*, Berlin, Georg Reimer (=CIL II)
- HÜBNER, E. (1871), *Noticias archeologicas de Portugal*, Lisboa, Tipografia da Academia.
- HÜBNER, E. (1893), *Monumenta Linguae Ibericae*, Berlin: Georg Reimer (=MLI).
- JANEIRA, A. L. (2007), *Curiosidades de Frei Manuel do Cenáculo*. S.l.e., Cat Books.
- LEGA, C. (2010), "La nascita dei Musei Vaticani: Le antichità cristiane e il museo di Benedetto XIV", *BMMP*, 28, 95-184.
- MALUQUER, J. (1968), *Epigrafia prelatina de la Península Ibérica*, Barcelona, Universidad.
- MORAIS, R. (2009), "Um caso exemplar: Cenáculo e o colecionismo no Portugal de setecentos", *Cadmo*, 19, 209-228.
- MORAIS, R. (2012), *A coleção de lucernas romanas do Museu de Évora*, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- MORATO, F. M. d'A. (1815), "Elogio historico de Ex.mo e Rev.mo D. Fr. Manuel do Cenaculo arcebispo de Évora", *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, 4(1), 63-108.
- NASCIMENTO, A., *Apresentação da transcrição da oração inaugural do Museu Pacense (1791)* http://www.triplov.com/hist_fil_ciencia/cenaculo/pax.html, consultado a 11 de Abril de 2018.
- PÁSCOA, M. C. (2004-2005), "D. Frei Manuel do Cenáculo e Félix Caetano da Silva: relações de mecenato na escrita da História de Beja", *Poligrafia*, 11-12, 275-298.
- PATROCÍNIO, M. F. S. do (2006), "O registo das antiguidades lusitânicas do Sul no legado documental de D. Manuel do Cenáculo", *Promontoria. Revista do Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve*, 4(4), 17-36.
- PATROCÍNIO, M. F. S. do (2007-2008), "Tempos de Fenícios: o tema do orientalismo e suas descobertas nos documentos de D. Manuel do Cenáculo", *A Cidade de Évora: Boletim de Cultura da Câmara Municipal*, Série 2, 7, 99-124.
- RAMÍREZ SÁDABA, J. L. (2009), "La creación del mito Pax Augusta = Badajoz", *Lusitânia romana: entre o mito e a realidade*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 385-399.
- RIBEIRO, J. S. (1871) – *Historia dos estabelecimentos scientificos literários e artísticos de Portugal nos sucessivos reinados da monarchia*. Lisboa: Academia Real das Sciencias.
- ROQUE, M. I. (2011), *O sagrado no Museu*, Lisboa, Universidade Católica Editora.
- https://www.academia.edu/5340341/Vol._2_anexo_documental_II, consultado em 11 e 18 de Abril de 2018.
- SALAS ÁLVAREZ, J. (2007), "El Viaje Arqueológico a Andalucía y Portugal de Francisco Pérez Bayer", *Spal*, 16, 9-24.
- SALGADO, V. (1790), *Origem e progresso das linguas orientaes na congregação da Terceira Ordem de Portugal*, Lisboa, Of. de Simão Thadeu Ferreira.
- SILVA, F. C. da (1948-1949), "Historia das antiguidades de Beja", *Arquivo de Beja*, 5 (1-2), 196-210, 5 (3-4), 225-242; 6 (1-2), 3-36; 6 (3-4), 292-382.
- SILVA, P. M. C. da (2015), *As Necrópoles da Idade do Ferro do Baixo Alentejo: Contributo para o seu melhor conhecimento*, Lisboa (dissertação de Mestrado apresentada à FCSH, inédita).

- SIMÕES, A. F. (1868), Museu de Beja, *Arquivo Pitoresco*, 11, X: 76-78; XIV, 108, XXI, 168; XXX, 237-238, LI, 404.
- SIMÕES, A. F. (1869), *Relatório à cerca da renovação do Museu Cenáculo*, Évora, Tipografia Folha do Sul.
- TEIXEIRA, M. B. (1985), “Os primeiros museus criados em Portugal”, *Bibliotecas, Arquivos e Museus*, 1(1), 185-239.
- TOVAR, A. (1961), *The ancient languages of Spain and Portugal*, New York, S. F. Vanni.
- UNTERMANN, J. (1997), *Monumenta Linguarum Hispanicarum, Band IV: Die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften*, Wiesbaden, L. Reichert (=MLH IV).
- VASCONCELOS, J. L. de (1898), “Discurso da inauguração do Museu de Cenáculo em Beja em 1791”, *O Arqueólogo Português*, 4, 283-287.
- VASCONCELOS, J. L. de (1917), “O antiquário Felix Caetano da Silva”, *O Arqueólogo Português*, 22: 178-185.
- VASCONCELOS, J. L. de (1919-1920), “Viagem de Pérez Bayer em Portugal, em 1782”, *O Arqueólogo Português*, 24: 108-176.
- VAZ, F. A. L. (2009), *Os livros e as bibliotecas no espólio de Frei Manuel do Cenáculo: repertório de correspondência, róis de livros e doações a bibliotecas*, Lisboa, Biblioteca Nacional.
- VAZ, F. A. L. (2011), “Em Beja com os olhos no mundo: O papel dos meios de informação no episcopado de Frei Manuel do Cenáculo”, in Fonseca, T. e Fonseca, J., *O Alentejo entre o Antigo Regime e a Regeneração. Mudanças e Permanências/Colóquio*, Lisboa, Edições Colibri, 209-230.
- VEIGA, S. E. da (1891), *Antiguidades monumentaes do Algarve, vol. IV*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- VIANA, A. (1952), “Epigrafia pacense: as pedras de Cenáculo”, *Arquivo de Beja*, 9, 3-17.
- VILHENA, J. (2014), “Acupunctura em Odemira: dois séculos de Arqueologia”, in Prista, P. (ed.), *Ignorância e Esquecimento em Odemira*, Odemira, Município de Odemira, p. 57-123.